

# Memórias e conquistas das mulheres trabalhadoras do mar: uma análise psicossocial de narrativas filmadas na Região dos Lagos -RJ

Regina Carmela. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Universitário Serra dos Órgãos  
Marta de Araújo Pinheiro (*in memoriam*). Universidade Federal do Rio de Janeiro

## Resumo

O ano de 2022 foi eleito pela ONU como o ano internacional da pesca artesanal para focalizar a importância do setor no cumprimento dos objetivos da Agenda 2030. Uma das orientações da Agenda é a conquista da equidade e igualdade de gênero. Com base nas entrevistas realizadas para um documentário (2018) sobre a pesca artesanal na Região dos Lagos (RJ), apresentamos, sob as lentes da Psicossociologia, as memórias, as conquistas e as perspectivas das mulheres da pesca locais sobre: 1) o território, lembranças, afetos e conhecimentos, 2) relações de gênero na atividade; 3) atuações no presente. Constatamos que elas, atualmente, se reconhecem como pescadoras artesanais. Essa autodenominação e assentimento repercute, desde seus antepassados, nas múltiplas dimensões de suas participações na pesca e contribui atualmente para a busca da equidade de gênero, na agregação, fortalecimento dos laços sociais e na continuidade da pesca artesanal.

**Palavras-chave:** psicossociologia; memória; pesca artesanal; pescadoras; documentário.

## Abstract

*Memories and achievements of women working at the sea: a psychosocial analysis of narratives filmed in Região dos Lagos – RJ.* The year 2022 was chosen by the UN as the international year of artisanal fisheries to focus on the importance of the sector in meeting the objectives of the 2030 Agenda. One of the Agenda's guidelines is the achievement of equity and gender equality. Based on interviews carried out for a documentary (2018) about artisanal fishing in Região dos Lagos (Rio de Janeiro, Brazil), we present, under the lens of Psychosociology, the memories, achievements and perspectives of local fishing women on: 1) the territory, memories, affections and knowledge, 2) gender relations; 3) current activities. We found that they currently recognize themselves as artisanal fishermen. This self-denomination and assent have had repercussions, since their ancestors, in the multiple dimensions of their participation in fishing and currently contributes to the search for gender equity, in the aggregation, strengthening of social ties and the continuity of artisanal fishing.

**Keywords:** psychosociology; memory; artisanal fishing; fisherwoman; documentary.

## Resumen

*Memorias y logros de mujeres que trabajan en el mar: un análisis psicossocial de narrativas filmadas en Região dos Lagos-RJ.* El año 2022 fue elegido por la ONU como el año internacional de la pesca artesanal para hacer foco en la importancia del sector en el cumplimiento de los objetivos de la Agenda 2023. Uno de los lineamientos es el logro de la equidad y la igualdad de género en el sector. A partir de entrevistas realizadas para un documental sobre la pesca en Región de los Lagos (Rio de Janeiro - Brasil), presentamos, bajo la óptica de la Psicossociología, las memorias, conquistas y perspectivas de mujeres pescadoras: 1) el territorio, las memorias, los afectos y conocimientos, 2) relaciones de género; 3) actividades actuales. Constatamos que actualmente se reconocen como pescadoras artesanales. Esta autodenominación y asentimiento ha repercutido, desde sus antepasados, en las múltiples dimensiones de su participación en la pesca y actualmente contribuye a la búsqueda de la equidad de género, en el fortalecimiento, en la agregación de los lazos sociales y en la continuidad de la pesca artesanal.

**Palabras clave:** psicossociología; memoria; pesca artesanal; pescadoras; documental.

As diretrizes da Agenda 2030, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de produzir uma orientação ampla para e com os países por ela representados na adoção de medidas para “melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro” (ONU, 2019), elegeram o ano de 2022 como o ano internacional da pesca artesanal. Uma das indicações da Agenda é a conquista da equidade e igualdade de gênero no setor. Este alinhamento é ressonante com o protagonismo, resistência, adaptabilidade e presença efetiva das mulheres na pesca, em crescente disputa nos grupos sociais aos quais pertencem (Gerber, 2013; Martinez & Hellebrant, 2019; Woortmann, 1991). À vista disso, compreende-se a importância de trazer mais estudos sobre a constância e os atravessamentos da sua presença social, das suas práticas comunitárias, sua participação na manutenção da pesca e no fortalecimento dos laços sociais da pesca artesanal, bem como na discussão sobre o status de pescadora, que ainda é contestado em alguns grupos e comunidades.

Do ponto de vista legal (Lei 11.959 de 29 de junho de 2009, Parágrafo único), a atividade pesqueira artesanal abrange trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, reparos realizados em embarcações de pequeno porte e processamento do produto da pesca artesanal. Portanto, a profissão é composta para além da captura do pescado em si, por uma multiplicidade de atividades realizadas por homens e mulheres, estas últimas muitas vezes ocultadas por convenções sociais sobre somente ser pescador aquele que vai para o mar e busca o peixe (Brito, 2016; Gerber, 2013; Food and Agriculture Organization of the United Nations [FAO], 2018, 2020; Hellebrant, 2019; Woortmann, 1991). Já do ponto de vista do conhecimento tradicional, a atividade pesqueira artesanal supõe o saber, o saber-fazer e se refere aos conhecimentos gerados da experiência passada de geração a geração pelas comunidades, adequadas às mudanças ambientais, locais, culturais e temporais (Diegues, 2015). Sendo os pescadores locais as principais fontes de informações sobre o ecossistema e as condições da pesca (Bivalacqua, 2017; Diegues 2015, 2019) e compreendendo que esse conhecimento da pesca artesanal consiste na reunião desses saberes, buscamos no artigo trazer o ponto de vista do fazer das mulheres, suas memórias, saberes, interações e aprendizados sobre as práticas e conhecimentos dessas comunidades e de seus territórios.

Para apresentar o desenvolvimento desta proposição, o artigo se estrutura do seguinte modo: 1)

tema e contexto das mulheres na pesca artesanal; 2) exposição do enquadramento teórico-metodológico: Psicossociologia e Memória; 3) o documentário e a metodologia utilizada no artigo; 4) seleção e análise dos recortes referentes à presença da mulher na pesca artesanal reunidos no material bruto colhido para o filme; 5) conclusão de que o enfoque na memória, sob a perspectiva das mulheres, nos permitiu conhecer algumas das questões relativas às vivências familiares no território, assim como seus atuais desafios e práticas na atividade da pesca artesanal.

## Situação das mulheres na pesca artesanal

A complexidade da pesca artesanal no Brasil não se restringe apenas à sua diversidade, às suas dimensões e diferenças geográficas, como também ao crescimento indiscriminado da atividade, à falta de planejamento, à redução do estoque pesqueiro, à sobrepesca, à poluição, somados à política pesqueira voltada, prioritariamente, para a pesca industrial (Silva, 2014).

Apesar disso, estima-se que aproximadamente 90% de todas as pessoas que dependem diretamente da pesca extrativa trabalham no setor da pesca de pequena escala. Ela funciona como motor econômico e social, proporcionando segurança alimentar e nutricional, emprego e outros efeitos multiplicadores para as economias locais, apoiando ao mesmo tempo os meios de subsistência das comunidades ribeirinhas (FAO, 2018). Entende-se assim o porquê das “Diretrizes Voluntárias para Garantir a Pesca Sustentável em Pequena Escala no Contexto da Segurança Alimentar e Erradicação da Pobreza” - apoiadas pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO (2014, 2016, 2018) - indicarem medidas que abrangem a segurança alimentar, mercados mais justos, educação, serviços de saúde, equidade de poder, de gênero, em um esforço que envolve pescadores e pescadoras, organizações, instituições, governos e meio acadêmico.

Por meio das conclusões preliminares da pesquisa de Alonso-Población e Siar (2018) o principal obstáculo para a participação feminina no setor pesqueiro artesanal é que o trabalho das mulheres não é amplamente reconhecido porque existe uma premissa sociocultural de que elas não pescam. Além disso, nos núcleos familiares, geralmente, às mulheres cabe o papel de mães e esposas e aos homens, o de provedores da família. Embora crescentes, ainda são insuficientes os dados e estatísticas da presença do trabalho feminino na

categoria pesqueira. Um dos motivos apresentados é que ainda persiste, em muitos casos, o entendimento por parte das mulheres de que as organizações são do domínio masculino. Outro dado importante é de que elas não se aproximam das instituições por falta de tempo, confiança e educação formal, (FAO, 2018).

No Brasil, C. A. G. Alencar (2011) apontou que 237.714 mulheres atuavam no setor. Em 2015, segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura, contabilizava-se 1.084.861 pescadores. Se tomarmos os números de C. A. G. Alencar (2011) com os dados do Ministério da Pesca (2015), embora com quatro anos de diferença, é possível perceber que as mulheres representavam quase 20% do total de pescadores. A intensificação de pesquisas e documentação torna possível ampliar as discussões sobre essa participação. (Alonso-Población & Siar, 2018; Escallier, 2004; FAO, 2016, 2017, 2018; Leitão, 2013, 2019, 2021; Maneschy, 1995, Maneschy & Alvares, 2010, Maneschy, Siqueira, & Alvares, 2012; Parlamento Latino-americano e Caribenho, 2017; Scherer, 2013).

Diante dos diversos aspectos que envolvem a atividade laboral das mulheres, faz-se necessário correlacionar os modos de vida e trabalho a partir de uma organização do mundo moderno marcado pelo modelo patriarcal e colonial (Federeci, 2017, 2020). Até o século XX, as atividades femininas foram consideradas não-produtivas e, portanto, ignoradas pela sociedade industrial, posto que economicamente a atividade doméstica, ou mesmo aquelas ligadas aos “fazeres masculinos” como no caso da pesca artesanal, a mulher ficou posicionada na condição de “ajudante do marido”, este sim reconhecido socialmente como ativo e trabalhador (Martinez, 2018). O envolvimento e empenho das mulheres nas questões sociais, econômicas e trabalhistas é promovida, sobretudo pela necessidade de sobrevivência, por meio do trabalho e da ação cotidiana na atividade pesqueira, em que muitas vezes são desrespeitadas (Hache, 2016; Mies & Shiva, 1997).

Tendo em vista reunir as lembranças geracionais e afetivas das mulheres da pesca, nos apoiamos nos estudos da Psicossociologia e da memória para nos auxiliarem no rastreamento temporal da presença e formas de laboração das mulheres na atividade. Sabendo que a memória oral não retrocede além de 80 anos (Assman, 2011), esse tempo de recordação nos parece suficiente para conhecer algumas dessas experiências femininas, desde o passado recente até os dias atuais.

Para isso, propusemos apresentar um recorte dos relatos de quatro pescadoras, lideranças da atividade

pesqueira em Arraial do Cabo e Cabo Frio - duas cidades da Região dos Lagos, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Os relatos foram colhidos por ocasião das entrevistas filmadas, no processo de produção de um documentário (2016-2018), sobre a pesca artesanal na região.

No processo de produção do filme foram geradas 80 horas de gravações e aproximadamente 30 horas de entrevistas. Desse total utilizou-se na edição final, no máximo, 5 minutos de cada relato. O documentário, após editado, finalizou 70 minutos de duração, o que indica que os trechos selecionados para o produto final foram aqueles que atenderam ao objetivo do projeto, descrito logo abaixo. Diante da riqueza do conteúdo produzido e da impossibilidade de incluí-lo no filme, trabalhamos neste artigo com o material bruto das entrevistas de quatro mulheres.

Denominamos “recortes”, a exemplo do uso do termo na linguagem do cinema, os trechos destacados do material bruto das entrevistas audiovisuais para indicar as demarcações do espaço, dos limites do enquadramento e das narrativas (Puccini, 2007) que aludem às histórias e memórias de vida das mulheres, referentes à pesca artesanal e ao território pesqueiro.

## **Psicossociologia e Memórias: o traçado entre passado e presente**

O crescente debate sobre a participação da mulher na pesca artesanal (C. A. G. Alencar, 2011, E. F. Alencar, 2022; FAO, 2016, 2018, 2020; Martínez & Hellebrant, 2019; Motta-Maués, 1999; Pires, Albuquerque, & Juste, 2015; Woortmann, 1991) e, conseqüentemente, do reconhecimento da sua prática e saber tradicional tem seu início no Brasil, na década de 70 do século XX, por meio das atividades das Pastorais (ação da Igreja Católica, sob direção da Diocese e da Paróquia, para agir em situações sociais). Criada em 1968, a Pastoral da Pesca contribuiu para a expansão das lutas pelo desenvolvimento, legislação, políticas etc. do setor pesqueiro, incluindo as questões relativas às mulheres que atuam na atividade (Alencar & Pereira, 2022; Brito, 2016).

Na atualidade, há o aumento significativo de produção sobre o tema desde a execução de projetos, textos publicados, dissertações, teses, notícias em websites específicos, websites jornalísticos e institucionais, até diversos materiais audiovisuais em crescente produção. Nesse aspecto é importante ressaltar o que Sílvia Federici (2017) propõe sobre a documentação das condições

históricas e sociais das mulheres por um ponto de vista feminino, o que “implica uma redefinição fundamental das categorias históricas aceitas e uma visibilização das estruturas ocultas de dominação e exploração.” (p. 29). Na pesca artesanal no Brasil, não obstante a presença das mulheres dedicadas cotidianamente à pesca artesanal, ainda se reproduz essa condição de exclusão social. Isso se reflete no baixo número de cadastros nas Colônias e na ausência de dados da atividade discutidos à luz do gênero. Basta atentar que não são suficientes os registros das suas memórias e experiências.

Como indicado por Jodelet e Haas (2019), “esses vestígios e inscrições permanecem vivos desde que sejam significativos para a vida dos grupos, cujos membros asseguram a manutenção e transmissão” (p. 9). À vista disso, buscamos trazer suas experiências de vida e suas memórias à luz da Psicossociologia, que entende a memória individual como repleta pela inscrição social desse indivíduo na observação de seus costumes, modos de fazer e dizer, práticas, organização física espacial. Nessa visão está incutida a compreensão de que a memória: (1) pode ser compartilhada e retomada coletivamente, Halbwachs (2004), (2) é também um continuum do grupo social, Bergson (2011), (3) e envolve sempre uma renegociação permanente a partir do presente, Huysen (2001).

A Psicossociologia examina as subjetividades e os afetos em suas relações sociais/comunitárias (Campos, 2014; Jodelet e Haas, 2019; Nasciutti, 1996) para compreender quais fenômenos sociais são produzidos na relação e nas tensões entre o indivíduo e a sociedade, na força do que é coletivo. A Psicossociologia entende, portanto, o social como tudo aquilo que permeia e ultrapassa o indivíduo, e que ao mesmo tempo é constituído por um imaginário que se constrói continuamente (Nasciutti, 1996) na sua relação externa (coletivo) e interna (subjetividades). Esse enfoque busca caracterizar as trajetórias pessoal e coletiva articulando as dimensões psíquicas, sociais e organizacionais dos grupos sociais (Maciel & Souza, 2018), levando em conta o vivido, o sentido, o posicionamento dos sujeitos diante do estado do mundo ou das experiências vivenciadas no grupo social (Jodelet, 2018). Esse coletivo se abre continuamente para as lutas das subjetividades sociais, que o desafiam e o transformam (Guareschi, 1995). O trânsito entre as subjetividades e suas interações sociais é caro à Psicossociologia na compreensão das dinâmicas comunitárias. E como abordar e apresentar as memórias de um tempo pretérito chamado “nosso”? Para Jodelet

e Haas (2019) os estudos dos fenômenos da memória trazem de volta à clareza, na consciência coletiva, elementos do passado, ocultos ou esquecidos. Nesse sentido, buscamos as memórias das mulheres naqueles elementos que transitam entre o passado e o presente, nas lembranças movidas pela afetividade, pelas experiências de vida e nos seus desafios contemporâneos.

As evidências da ação das lembranças no cotidiano e os “modos de recordar”, segundo Assmann (2011), podem ser reconhecidos por meio de diferentes indícios desde (i) arqueológicos, arquitetônicos, das relíquias, dos museus, fotografias, filmes etc.; (ii) das memórias escritas, textos escritos com traços materiais, (iii) das memórias institucionais, rituais, arquivos, historiografias, nomes de ruas, monumentos etc., (iv) da memória midiática e ficcional: popularizada em documentos, ficção histórica (romances, filmes, quadrinhos etc.), páginas da internet, jogos de computador, etc. até, finalmente (v) do passado como fantasia. Para este artigo, buscamos os vestígios da atuação das mulheres, desde o passado ao presente, no material bruto das entrevistas para o filme.

## Percurso metodológico

Nos orientamos para a seleção e análise dos recortes em duas categorias de Bergson retomadas por Bosi (2007): 1) memórias-hábito referentes aos aspectos práticos, lembranças cotidianas e 2) memórias lembranças, aquelas que destacam aspectos pontuais, lembradas como se tivessem sido um sonho. O exercício de identificação de categorias nos relatos de memória se dedica à tarefa de buscar vínculos, movidos por escolhas relacionais, traços e indícios que se organizam nas narrativas/lembranças em coerência de significados subjetivos e coletivos. Como nos lembra Bosi (2003) é “tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo”, (p. 31). Dessa forma, a reunião das memórias pode vir a compor um conjunto de experiências, ritos, pontos de vista, como potenciais soluções para os desafios contemporâneos.

Para compreendermos as dimensões atuais da sua presença na pesca artesanal os recortes analisados se referem às memórias, seus conhecimentos e experiências relativas à atividade. Foram mantidos trechos coesos, ou seja, com início, meio e fim, contextualizados e transcritos de modo a respeitar as entonações, reticências, exclamações, sobretudo, o sentido e lógica

interna. A análise dos relatos pressupõe que os filmes trazem indícios de memórias e são reconhecidos como modos de recordar (Assman, 2011).

Apresentamos a seguir o perfil das entrevistadas, não sem antes esclarecer que todas optaram pelo uso

de seus nomes reais no artigo, pois suas memórias e trajetórias pessoais e como lideranças que atuam publicamente e lutam pelo lugar da mulher na pesca artesanal em suas regiões, contribuem no fortalecimento, difusão, e possíveis desdobramentos colaborativos.

**Tabela 1.** Perfil das entrevistadas selecionadas

Nome	Local	Idade	Esfera de atuação	Instituição	Registro Geral da Pesca
Cleusa	Arraial do Cabo Prainha	+ 60	Pescadora, Marisqueira, Salgadeira, artesã	Cooperativa Salga, Sol e Arte	Sim
Zenilda	Arraial do Cabo Prainha	+60	Pescadora	Cooperativa das mulheres nativas	Sim
Margareth	Praia Grande	+60	Pescadora	Cooperativa	Sim
Edwiges	Cabo Frio	+50	Pescadora, artesã	Pessoa Física	Sim

A Tabela 1 nos coloca diante de mulheres profissionais da pesca artesanal nas cidades de Arraial do Cabo e Cabo Frio. Das quatro mulheres, três delas são cofundadoras de organizações coletivas, assim como suas representantes legais. Em Arraial do Cabo, na Prainha, a Cleusa Rocha representante da “Cooperativa Sol, Salga e Arte” constituída por 75% de mulheres; na Praia Grande, Zenilda e Margareth representantes da “Cooperativa de Mulheres Nativas”, constituída somente por mulheres. Edwiges mora em Cabo Frio e trabalha como agente de campo na FIPERJ. Todas possuem o Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), licença ambiental expedida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) a todas as pessoas que exercem a atividade de forma profissional e artesanal. Com o RGP, o pescador ou pescadora profissional artesanal tem acesso aos programas sociais do Governo Federal, como microcrédito, assistência social. Somado a isso, nos meses do defeso (período em que é proibida a pesca para proteger a reprodução de peixes, lagostas e camarões), os profissionais, inscritos no RGP da pesca, recebem um benefício do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), no valor de um salário-mínimo, até o limite máximo de 5 meses.

Após a identificação nas entrevistas das memórias e práticas, entendemos ser relevante para este artigo, a organização dos temas comuns aos relatos: (1) o território: lembranças, afetos e conhecimentos; (2) relações de gênero na atividade pesqueira artesanal; (3) atuações no presente.

### **Território: Lembranças, Afetos e Conhecimentos**

A narrativa de Cleusa traz o conhecimento oral, transmitido por seus antepassados, sobre a formação daquela população composta por famílias de pescadores do bairro da Prainha, em Arraial do Cabo, e a íntima

relação e vivência com a pesca. São memórias do território habitado, do espaço, da cultura e da história local associadas à pesca artesanal:

Foi assim que começou a história de Arraial do Cabo, inclusive a minha, porque meu avô português e a minha avó já mulata, bem mulata, a família não aceitou e vieram pra Prainha. (...) O meu avô tinha paiol aqui na praia e a minha avó sempre vinha. Meu pai também não gostava muito não. Mas mãe vinha pra ajudar no orçamento familiar e ela nos trazia. Nossa vida sempre foi aqui na praia.

A história da Prainha, segundo Cleusa, está arraigada ao preconceito e ao patriarcalismo histórico: a) o avô português + avó “mulata” = exclusão para uma praia afastada; b) mulheres (avó e mãe) trabalham contra a vontade dos maridos para compor o orçamento familiar. Não obstante esses indícios arraigados que deslizam nas frestas das falas, o sentimento de pertencimento às famílias que trabalham na pesca artesanal fica evidente nas entrevistas.

Nascer em família de pescador é para essas mulheres motivo de orgulho, como ressalta Margareth ao contar sobre suas origens e experiências na infância:

Eu nasci de parteira aqui no Arraial. Sou filha e neta de pescador. Fui criada aqui e sempre gostei de pescar. A pesca desde cedo me deu prazer. Fui crescendo e aprendendo com meus tios pescadores e com meu avô. Depois fui estudar e trabalhar e resolvi voltar para a pesca. Minha avó era salgadeira. Então a gente ia para os paióis e eram aquelas montanhas de peixes, e desde criança eu ficava lá ajudando. A lembrança mais forte é essa, minha avó salgando peixe.

As recordações da salga são recorrentes nos relatos, pois a impressão exercida no imaginário marcou as

memórias daquelas crianças que acompanhavam suas mães, tias e avós no beneficiamento do peixe. Vemos isso na fala de Zenilda que nos conduz por esse imaginário/ lembrança da salga - atividade realizada sobretudo pelas mulheres - quando em Arraial não havia luz, nem geladeira:

Participar com a nossa mãe lá na salga do peixe, vendo o que acontecia, como era feito, toda a dificuldade que existia em estar no meio daquela salmoura intensa, num quarto escuro, sem luz praticamente... só entrando por uma portinha a luz do sol, o resto era tudo muito escuro. E era muito peixe. Eram montanhas de peixe. Não era a quantidade que a gente trabalha aqui hoje... eram montanhas!

Sua recordação é sensorial: “a luz que perpassa a escuridão, a salmoura intensa”. Além de sensorial e imagética, o relato nos remete ao quadro daquela criança diante da quantidade de peixe a salgado: “montanhas”! A descrição dessa memória sensorial, imagética, está vinculada ao esforço que envolvia todo esse trabalho, cujos pés das mulheres sangravam pelo efeito da salmoura. Também remete à presença dos paióis da salga, que não existem mais na região, à quantidade de peixes, hoje mais escassa visto o aumento da extração pela pesca industrial. Elas assistiram, ao longo dos anos, ao crescimento do local e às mudanças daí decorrentes, como a saída das moradias dos pescadores e pescadoras da beira da praia para o interior do bairro. A Prainha, por exemplo, se tornou uma das principais atrações turísticas da região e, com isso, o espaço dos pescadores, as dunas, as pitangueiras, o lago foram removidos e/ou ocupados por prédios e construções. A praia passou a ser local para os turistas, e muitos dos pescadores tornaram-se vendedores ambulantes, ou montaram barracas para atender ao turismo. A atividade da pesca, no entanto, continua ativa, embora em constante disputa pelo espaço da areia e da água, principalmente nos feriados, finais de semana e férias de verão.

Cleusa, ao lembrar das práticas pesqueiras e da salga, descreve as relações de gênero no passado e avança para nos contar sobre sua atualização hoje:

Eles pescavam e as mulheres faziam a salga, beneficiavam na beira da praia. Havia os paióis aqui à nossa esquerda, e as mulheres trabalhavam salgando o peixe. Elas traziam as crianças, não tinham com quem deixar. E as crianças iam lavando o peixe e entregando para mãe escalar. Escalar é fazer o benefício do peixe. Depois outras lavavam ou iam salgando e colocando numas tinas grandes, nuns tanques grandes pra dali

depois sair a cavalo nas mulas, nas cangalhas de mula para ser vendido em outro local, fora do Arraial. (...) E hoje nós estamos aqui tentando fazer a mesma coisa que fizeram os nossos ancestrais que é fazer o resgate da cultura da salga, onde as mulheres é que trabalham fazendo o benefício.

Quase sempre é com os pais, tios ou irmãos que aprendem as artes da pesca, como nos conta Edwiges ao lembrar do avô pescador e do pai, que já não tinha a pesca como sua profissão, e sobre si mesma que retoma a atividade como profissional da pesca:

Eu tinha o meu avô que era agricultor e pescador. Já o meu pai sempre pescava depois do trabalho, pescaria de lazer. A primeira vez que eu pesquei foi a maior alegria da minha vida, pois levei o sustento para a casa. E hoje, ainda é muito gratificante e muito honroso levar o alimento para casa.

Nesse relato destaca-se o sentimento de inclusão, pertencimento e afetividade com o território e com a atividade pesqueira artesanal. As lembranças lúdicas do território e vinculadas à pesca misturam-se no presente com múltiplas ausências, desde os paióis da salga, as dunas da Prainha, pitangueiras, os pássaros, a lagoa que secou e recuou:

Eram dunas enormes mesmo, com muita pitanga, tinha muita pitangueira aqui. Tudo isso aqui era pitanga. A lagoa do Parque Público ela vinha aqui na rua de trás. Então tinha muita marreca lele, tinha pato d'água, garça rosa, garça branca, muito saracura. Aí, a mãe levava a gente na beira da lagoa pra gente ver todos esses bichos. Pegar ovos também dos patos que deixavam ali. Quando chovia criavam poças d'água e aí a gente brincava de pescar, ou pegava com a mão ou como uma varinha do brejo. Eles (os peixes) gostavam de comer aquela ponta da varinha, acho que é da tapua... a gente botava ali nas poças d'água pra pegar peixinho pequeno só de brincadeira... quer dizer... desde pequenos nós já temos isso com a pesca. Mergulho ... a gente fazia mergulho, mas é mergulhar para pescar. Isso já está dentro de nós. Nós falamos que cabista<sup>1</sup> quando nasce é igual tartaruga já procura logo o mar. Esse é o povo nativo.

As lembranças das quatro mulheres envolvem rotinas do trabalho familiar, sobretudo na salga, fazeres distintos dos homens e mulheres e o aprendizado ao modo tradicional, ou seja, com o pai, o avô, o tio. A infância marcada pelo contato com as espécies e ludicamente com o universo da pesca é incutida nas crianças sem

distinção de gênero. Suas vidas são imersas nesse universo do trabalho para a sobrevivência familiar.

## **2) Relações de Gênero na Atividade Pesqueira Artesanal**

Margareth, que se autodenomina “pescadora da Praia Grande”, diz que uma das principais razões para a criação da Cooperativa foi reunir mulheres para pescar, uma vez que os homens não admitiam que elas embarcassem com eles. Ela relembra:

A princípio seria uma associação e depois nós acabamos fazendo a cooperativa por causa de alguns problemas que tivemos em relação aos homens. Então juntamos um grupo de mulheres e começamos a procurar uma pessoa que tivesse um barco que pudesse levar as mulheres para pescar. E conseguimos lá atrás um pescador que a mulher dele também pescava. Mas ele dizia assim: eu não posso chegar ali. O “ali” é chegar perto de outros barcos que estavam lá parados pescando. Toda vez que a gente chegava perto eles gritavam pra gente ir lavar roupa, ir ver novela e outras coisas que sendo pescadora ou não, acho que a gente não merecia ouvir. Mas ouvimos muito isso. E nós continuamos insistindo. Quando o ICMBIO<sup>2</sup> começou a trabalhar aqui na reserva e começou a ter um pouco mais de fiscalização, nós começamos a participar das reuniões, e então alguns pescadores, pelo contato com esse trabalho nosso, começaram a ter o entendimento de que nós não estávamos no mar para atrapalhar a pescaria deles, mas estávamos ali para fazer o mesmo que eles. Eles diziam: “Eu tenho que pescar para defender o pão da minha família”, e eu respondia: mas e eu por ser mulher não posso defender o pão da minha família? Eu não posso defender o alimento dos meus filhos? Que que é isso!? Então algumas reuniões foram bastante sérias lá pra se discutir isso. “Ah! Eu sou pescador, eu tenho direito de pescar!” E nós dizíamos: Não! Eu sou pescadora e eu também tenho o direito de pescar!

Cleusa em outro trecho enfatiza as dificuldades encontradas pelas mulheres e nos mostra como busca o reconhecimento do trabalho feminino na atividade, evitando o confronto ao não se apropriar do termo “pescadora”:

Os homens não aceitam que nós somos pescadoras. Então o seguinte, vamos dizer o seguinte: nós não somos pescadoras, somos mulheres da pesca, porque segundo rege a lei quem vive direto ou indiretamente da pesca é considerado pescador.

Nós somos beneficiadoras, podemos sair pro mar também para pescar sim, para mergulhar e pegar um mexilhão, debulhar nas pedras. Tudo isso nós já fizemos. Então nós nos denominamos “mulheres da pesca”. Nós somos mulheres da pesca para não ofender tanto os homens pescadores. Porque para eles o pescador é quem vai lá pra fora no alto mar. Ou senão quem entra em uma canoa dessas e rema a finco. Se depender, as mulheres também fazem isso no caíco<sup>3</sup>, não numa canoa, mas nós somos mulheres da pesca.

Os relatos mais do que um documento das condições sociais e históricas das mulheres, são também uma tentativa atual de reorganização do trabalho, na luta por espaço na atividade e uma saída dos chamados subempregos. Essas mulheres assumem o protagonismo no setor pesqueiro artesanal ao constituírem cooperativamente a revalorização das práticas que as suas avós e mães realizavam, geralmente, contra a vontade dos seus maridos. A criação das cooperativas cumpre um esforço para atingir tal objetivo, no fortalecimento institucional, representacional e simbólico das mulheres em Arraial do Cabo, e em decorrência na colaboração para a manutenção da tradição pesqueira artesanal, pois como contou Margareth:

Os pescadores da pesca antiga são nossa família! Então é isso que a gente precisa aqui: o reconhecimento dos pescadores antigos das mulheres pescadoras.... Porque todo mundo tem a mesma classe. Por que xingar as mulheres? Isso acontecia muito. Hoje a gente tem o respeito de digamos aí 80% dos pescadores. E as mulheres antigamente também iam pescar!!!! Tinha uma pescaria aqui que era na ilha e a mãe ia pescar junto. Assim como ela, deve ter acontecido com muitas mulheres. Não tem porque dizer que mulher não é da pesca, que é só coisa de homem.

### **Atuação no Presente**

A relação do passado com o presente das mulheres dentro da atividade tem em comum, inicialmente, a necessidade de complementação do orçamento familiar e a carência de recursos. O projeto de manutenção da salga, e/ou a recuperação dessa cultura proposto por Cleusa, parece ser mais determinante no desejo de colocar as mulheres da Prainha em outra condição social, já que a maioria trabalha como empregada, babá e faxineira, sobretudo na alta temporada. Com isso, ela vislumbra ampliar as possibilidades para as mulheres, baseada na tradição das suas avós e mães e no

conhecimento adquirido no cotidiano, de geração em geração e no tempo de permanência nesses afazeres. A “conquista”, como diz Cleusa, está assentada sobre as lembranças vividas no manejo e atuações daquelas mulheres do passado e dessas mulheres de hoje. Todas elas historicamente mantidas afastadas do reconhecimento pelo seu trabalho, mas continuamente empenhadas na ampliação dos seus espaços de atuação na composição do setor pesqueiro artesanal. Isso permite a elas, como no caso da Edwiges, declararem como se sentem na profissão:

Eu tenho orgulho de ser pescadora, a minha filha tem orgulho de mim. Eu tive uma grande oportunidade de aprender várias modalidades dentro da pesca. Pesco camarão, pesco siri, pesco de linha, várias modalidades. Então isso me enriqueceu, me sinto respeitada como mulher de grande desafio, né? É uma atividade de desafio pras mulheres. Mas entre o homem e a mulher aquela questão, né, do preconceito, de forças, que não é, é mais habilidade.

Até 2022, as mulheres da Praia Grande ainda não têm um barco da cooperativa e continuam alugando de um pescador. Saem para o mar para buscar o peixe, beneficiá-lo e vendê-lo. Assim garantem a continuidade da cooperativa pescando quando possível, ou beneficiando peixes que comprem de outros pescadores artesanais. A ação de criação da Cooperativa das Mulheres Nativas teve, além de gerar renda, a intenção de ser um marco de gênero na pesca artesanal local. Elas criaram e ocuparam um lugar institucional, em reação às negativas masculinas, como reconhecimento das suas habilidades e continuadoras da pesca local. Margareth, neta e sobrinha de pescadores artesanais, ao convocar outras mulheres a partilharem do conhecimento adquirido de forma direta, instituiu o lugar das mulheres na pesca do Arraial. Aqui a discussão já não envolve a tradição pesqueira somente, e sim a reprodução do patriarcalismo laboral, parcialmente superado pela participação nas reuniões e práticas pesqueiras recorrentes.

Além das contendas relativas ao gênero, elas se preocupam com o futuro da pesca na região e apontam seus principais problemas e desafios. O território em que cresceram se transformou muito com o passar do tempo. A atividade pesqueira artesanal também mudou, relata Edwiges:

Hoje a atividade está menor porque o peixe sumiu bastante. A gente tem identificado essa dificuldade porque as traineiras tão vindo mais perto do costão. Muitas traineiras de fora com capacidade

monstruosa de captura, pescando perto da costa. Por isso eu comentei sobre a questão da fiscalização, porque isso nos prejudica. Prejudica o pescador artesanal que tem 1 milha, menos de 1 milha pra pescar. A gente pesca aqui no costão porque o cerco de beira a gente não vai longe, vai a 200, 300 metros só da beira da praia. (...) Fico triste com o poder público de desrespeitar... Não... desrespeitar seria a palavra errada... De não se importar muito com isso. Porque eu vejo que tem necessidade do cuidado, da fiscalização pra que isso se prossiga (a pesca), né? Tem muita riqueza ainda dentro das nossas águas e precisamos preservar essa riqueza.

Edwiges nos conta sobre como aprendeu a retirar mariscos nos costões e aponta, tristemente, a evidente extinção de mariscos ocasionada pela invasão de plantas exógenas, provenientes dos cascos dos navios transatlânticos. Ela nos diz que tal espécie proliferou nas pedras e com isso quase não há mais marisco. Sua preocupação é que se nada for feito, não haverá mais mariscos na Praia do Perú, pois todo um ciclo de vida que habita ali é modificado e espécies nativas desaparecem ou diminuem muito, o que provoca uma reação em cadeia em diferentes espécies. Essa compreensão sistêmica se dá pela observação cotidiana e vivência íntima com o ambiente local.

Todos os relatos das mulheres são crivados de afeto vindos da infância, do cotidiano no território, do reconhecimento das suas limitações, mas sobretudo na luta pela permanência e ação contínua na pesca artesanal.

## Conclusão

Entendendo ser difícil dar conta das ambiguidades entre o registro, a construção e a reconstrução da memória, reconhecemos sua importância na amplitude do jogo das forças sociais e culturais na pesca artesanal. A composição desse mosaico da atuação das mulheres no presente e no passado recente perpassa diferentes dimensões da atividade: os afetos, o conhecimento tradicional, os fazeres, as relações de cuidado e ligação com o ambiente marinho. Levando em conta que na pesca artesanal também ocorre a reprodução do modelo patriarcal, somada às condições complexas do setor pesqueiro no Brasil, trouxemos para este artigo uma amostra da presença das mulheres no setor com base no material bruto das entrevistas de quatro pescadoras realizadas por ocasião da elaboração de um documentário, que tratou de forma ampla sobre a pesca artesanal em Arraial do Cabo, Cabo Frio e Búzios.

A participação das mulheres no caso do documentário não foi decorrência de um recorte intencional na elaboração do filme, e sim confirmação da realidade das suas atuações e vivências na atividade pesqueira. Isso parece indicar que suas práticas na pesca ultrapassam categorias e instituições. Essa presença, se examinada pelo ângulo do passado, é marcada pela ausência de direitos e lugar na atividade indicado atualmente, no

reduzido número de registros de suas memórias, isto é, das suas experiências, saberes e trajetórias.

À luz da Psicossociologia essas memórias estão nitidamente marcadas por uma significativa vinculação social, integradas na manutenção da pesca artesanal, pela transmissão do conhecimento, observação dos costumes, modos de fazer e dizer, e organização física territorial.

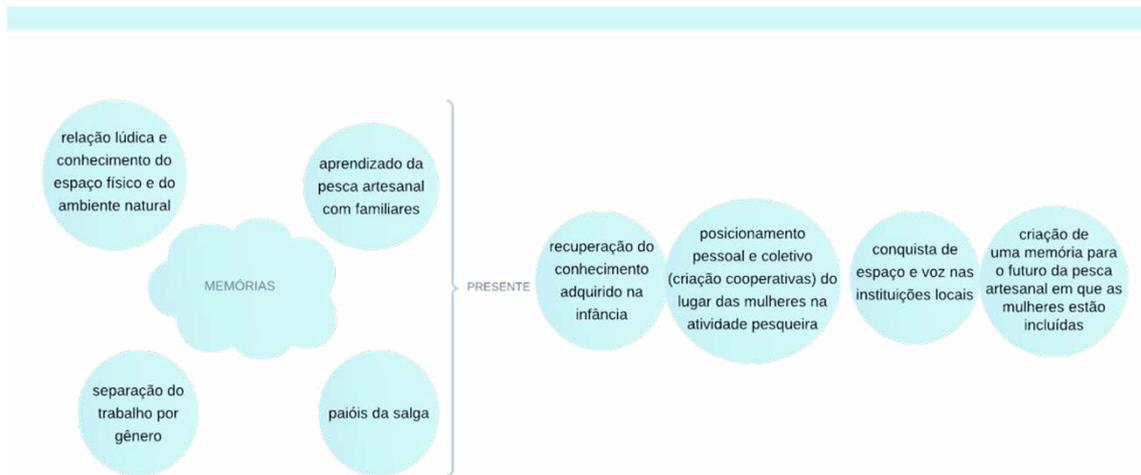


Figura 1. Relações das memórias ao presente.

Nos relatos despontam a descrição do conhecimento, o aprendizado ao modo tradicional, ou seja, pelo pai, avô ou tios. Elas documentam não somente as suas atuações, como também das suas antepassadas mais recentes. Não apareceram transmissões da pesca feita pelas mulheres. Na cadeia de transmissão das gerações imediatamente anteriores, isso aparece apenas na atividade da salga e no beneficiamento.

Os recortes destacados nos permitiram identificar os processos das relações interpessoais/coletivas, como no caso da rejeição local em reconhecer as mulheres como pescadoras, em contraponto à criação de iniciativas centradas no trabalho das mulheres. Por suas vozes revela-se uma mudança em seus posicionamentos dentro da atividade, na elaboração cotidiana desse lugar e na conquista de equidade e reconhecimento no setor.

Esperamos que neste Ano Internacional da Pesca Artesanal, em que um dos temas é a questão de gênero no setor, os relatos e ações das mulheres do Arraial do Cabo e Cabo Frio configurem avanços para essas conquistas pavimentadas no decorrer de pelo menos três gerações. As “conquistas”, como diz Cleusa, são realizadas, não apenas, mas também por haver nessa relação íntima com a pesca, uma construção vinda do passado,

assentada nos fazeres das mulheres avós e mães, ou porque são filhas de pescadores nascidas como “as tartarugas que correm para o mar”.

## Referências

- Alencar, C. A. G., & Maia, L. P. (2011). Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. *Arquivo de Ciências do Mar*, 44(3), 12-19. doi: 10.32360/acmar.v44i3.149
- Alencar, E. F., & Pereira, S. (2022). O papel das mulheres nas comunidades pesqueiras: uma reflexão sobre a atuação das pescadoras a partir da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP). In *Asociación Latinoamericana de Antropología (Org.), VI Congreso de la Asociación Latino Americana de Antropología* (Resumos, Vol. 2, pp. 465-476.). Montevideú, Uruguai: Autor. Recuperado de [https://www.asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/images/LibrosMemoriasCongresoALA/ALA\\_ACTAS\\_DEL\\_CONGRESO\\_2\\_final.pdf](https://www.asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/images/LibrosMemoriasCongresoALA/ALA_ACTAS_DEL_CONGRESO_2_final.pdf)
- Alonso-Población, E., & Siar, S. V. (2018). *Women's participation and leadership in fisherfolk organizations and collective action in fisheries: A review of evidence on enablers, drivers and barriers*. FAO Fisheries and Aquaculture Circular nº 1159. Rome: FAO.
- Assmann, A. (2011). *Espaços da recordação, formas e transformações da memória cultural*. Campinas, São Paulo: Unicamp.
- Bergson, H. (2011). *Memória e vida. Textos escolhidos por Gilles Deleuze* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fonte.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória - ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

- Bosi, E. (2007). *Memória e sociedade: lembranças dos velhos* (14ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Brito, C. I. (2016). *Uma abordagem sócio-histórica do movimento de pescadores e pescadoras artesanais Brasil (MPP)* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos de Goytacazes, Rio de Janeiro). Recuperado de <https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2017/07/Tese-da-Carmem-copia-final-revisada-Carmem.pdf>
- Campos, R. H. F., & Guareschi, P. (2014). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis: Vozes.
- Diegues, A. C., Ribaric, A., & Nêmeth, P. S. (2015). *Relatório final da consultoria sobre conhecimento e manejo tradicional pesqueiro – Projeto ARDENTIA*. São Paulo: NUPAUB.
- Escallier, C., & Maneschy, M. C. (2004). Mulheres na pesca artesanal no Pará: percepção e estatuto. *Boletim Rede Amazônia (Rio de Janeiro)*, 3(1), 77-84. Retrieved from <http://coletiva.labjor.unicamp.br/index.php/artigo/mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos/>
- Federici, S. (2017). *Caibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação*. São Paulo: Elefante.
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2014). *The State of World Fisheries and Aquaculture - Opportunities and challenges*. Recuperado de <https://www.fao.org/documents/card/en/c/097d8007-49a4-4d65-88cd-fcaf6a969776>
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2016). *The State of World Fisheries and Aquaculture 2016 - Contributing to food security and nutrition for all*. Recuperado de <https://www.fao.org/documents/card/en/c/2c8bcf47-2214-4aeb-95b0-62ddef8a982a>
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2018). *The State of World Fisheries and Aquaculture 2018 - Meeting the sustainable development goals*. Recuperado de <https://www.fao.org/3/i9540en/i9540en.pdf>
- Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2020). *El Estado Mundial de la Pesca y la Acuicultura 2020 - La sostenibilidad en acción*. doi: 10.4060/ca9229es
- Gerber, R. M. (2013). *Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107184>
- Guareschi, P. A., & Jovchelovitch, S. (Orgs.). (1995). *Textos em representações sociais* (2ª ed.) Petrópolis: Vozes.
- Hache, E. (2016). *Reclaim: recueil de textes eco féministes*. Paris: Cambourakis.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Huyssen, A. (2001). *En busca del futuro perdido y memoria en tiempos de globalización*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.
- Jodelet, D. (2018). Inácia D'Ávila Neto: uma prática psicossocial inovadora. In T. B. Maciel & C. M. Souza (Orgs.), *Inovação e Trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade* (pp. 39-53). Curitiba: Appris.
- Jodelet, D., & Haas, V. (2019). Mémoires et représentations sociales. In A. Palmonari & F. Emiliani (Orgs.), *Repenser La Théorie des Représentations Sociales* (pp. 89-104). Paris: Éditions des Archives Contemporaines (Collection Psychologie du Social).
- Leitão, M. R. F. A. (2013). Gênero, pesca e cidadania. *Amazônica, Revista de Antropologia. (Online)*, 5(1), 98-111. doi: 10.18542/amazonica.v5i1.1307
- Leitão, M. R. F. A. (2019). Mulheres e poder na presidência das Colônias de Pescadores/as em Pernambuco. In S. A. S. Monteiro (Org.), *Cultura: conceito sempre em desenvolvimento* (pp. 87-98). Ponta Grossa: Atena. doi: 10.22533/at.ed.375190406
- Leitão, M. R. F. A., & Pereira, A. G. (2021). Boletim o leme: As pescadoras artesanais de Pernambuco. *Revista Novos Olhares Sociais*, 4(2), 32-60. Recuperado de <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/595>
- Maciel, T. B., & Souza, C. M. (Orgs.). (2018). *Inovação e trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade*. Curitiba: Appris.
- Maneschy, M. C. (1995). A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série Antropologia (Belém)*, 11(2), 145-166. Recuperado de <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/821>
- Maneschy, M. C., & Alvares, M. L. M. (2010). Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. *Coletiva*, 1. Recuperado de <http://coletiva.labjor.unicamp.br/index.php/artigo/mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos/>
- Maneschy, M. C., Siqueira, D., & Alvares, M. L. M. (2012). Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, 20(3), 713-737. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000300007&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000300007&script=sci_arttext)
- Martinez, S. A. (2018, 8 de março). Entrevista com a pesquisadora, professora da Universidade Estadual Norte Fluminense. *CBN Noite Total*. Recuperado de <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/166135/pesquisa-aponta-situacao-precaria-das-mulheres-que.htm>
- Martinez, S. A., & Hellebrant, L. (2019). *Mulheres na atividade pesqueira no Brasil*. Campos dos Goytacazes: EDUENF.
- Mies, M., & Shiva, V. (1997). *Ecofeminismo: teoria, críticas e perspectivas*. Barcelona: Icaria Editorial.
- Motta-Maués, M. A. (1999). *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando o gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil* (Vol. III, pp. 377-399). Portugal: Revista etnográfica.
- Nasciutti, J. C. R. (1996). Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia. *Revista Documenta*, 4(7), 51-58.
- Parlamento Latino-americano e Caribenho. (2017). *Lei Modelo de Pesca Artesanal em Pequena Escala do Parlamento Latino-americano e Caribenho*. Panamá: Programa MesoAméricas in Hambre/ Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO)/Agencia Mexicana de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AMEXCID). Recuperado de [https://parlatino.org/pdf/leyes\\_marcos/leyes/ley-modelo-pesca-artesanal-pt.pdf](https://parlatino.org/pdf/leyes_marcos/leyes/ley-modelo-pesca-artesanal-pt.pdf)
- Pires, M. L. L. S., Albuquerque, P. A. T. S., & Juste, Y. P. V. (2015). Na peleja pelo reconhecimento social: o caso das pescadoras artesanais da Colônia Z-10 de Itapissuma. *Estudos de Sociologia (Recife)*, 2(21), 113-142. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/viewFile/235652/28555>
- Puccini, S. J. S. (2007). *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção* (Tese de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo). doi: 10.47749/T/UNICAMP.2007.423622

Silva, A. P. (2014). *Pesca artesanal brasileira, aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 3*. Palmas, TO: EMBRAPA Pesca e Aquicultura. Recuperado de <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/108691/1/bpd3.pdf>

Woortmann, E. F. (1991). Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. *Série Antropologia (Brasília)*, 111, 1-115. Recuperado de <https://www.dan2.unb.br/images/doc/Serie111empdf.pdf>

---

<sup>1</sup> Gentílico de pessoas nascidas em Arraial do Cabo.

<sup>2</sup> Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade,

<sup>3</sup> Caíco é o nome dado aos pequenos botes de fundo chato construídos em madeira. O fundo chato oferece estabilidade e a construção é rápida e simples. Tem grande capacidade de carga, são robustos e versáteis.

*Regina Carmela*, Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Mediações, Humanidades e Subjetividades (MEDICATIO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Professora do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia – UFRJ, Av. Pasteur 250, Botafogo Rio de Janeiro/RJ. CEP 22.290-250. Email: [reginacarmela@gmail.com](mailto:reginacarmela@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2801-6832>

*Marta de Araújo Pinheiro* (in memoriam), Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [secretariaeicos@gmail.com](mailto:secretariaeicos@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8150-1004>

Recebido em 15.jul.22

Revisado em 16.nov.22

Aceito em 18.dez.22